



ESCREVENDO NOVAS HISTÓRIAS: MULHERES E CIDADANIA NO PROJETO PPALFA FREIRE – BOM JESUS DA LAPA

**Isaura Francisco de Oliveira¹; Daniela Vieira Ferreira²; Tatiane Ferreira de Araújo³;
Andreia Alves Alcântara⁴; Dinalva de Jesus Nogueira⁵**

¹Universidade do Estado da Bahia. Doutoranda em Educação/PPGED. Professora
(UNEB).GEPECATEA/NEPE. ifrancisco@uneb.br

²Professora Alfabetizadora – PPALFA Freire UNEB. dvferreira@uneb.br

³Monitora Bolsista – PPALFA Freire UNEB. E-mail: tatyguel059@gmail.com

⁴Estudante de Pedagogia – UNEB/Campus XVII.

⁵Estudante de Pedagogia – UNEB/Campus XVII.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a experiência do projeto Escrevendo Novas Histórias: Alfabetização de Adultos com Cidadania e Dignidade, desenvolvido no âmbito do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos na Multicampia – PPALFA Freire UNEB, no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia. O projeto, iniciado em agosto de 2025, envolve 14 mulheres adultas e idosas em processo de alfabetização, mediado por uma equipe feminina composta por coordenadora, professora alfabetizadora, monitora bolsista e duas monitoras voluntárias. As aulas acontecem de terça a sexta-feira no Campus XVII da Universidade do Estado da Bahia, e às segundas-feiras realizam-se encontros de planejamento e acompanhamento pedagógico. Fundamentado na pedagogia freiriana, o projeto articula múltiplas linguagens e experiências culturais no processo de alfabetização, promovendo aprendizagens significativas, valorização das trajetórias de vida e fortalecimento da cidadania.

Introdução

O presente trabalho tem como tema a alfabetização de mulheres adultas e idosas, a partir da experiência desenvolvida no âmbito do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos na Multicampia – PPALFA Freire UNEB, no município de Bom Jesus da Lapa – Bahia. O projeto, intitulado Escrevendo Novas Histórias: Alfabetização de Adultos com Cidadania e Dignidade, integra as ações de extensão da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e tem como foco a formação cidadã por meio da leitura e da escrita, ancorada na pedagogia freiriana e nos princípios da educação popular.

A pesquisa insere-se no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade que historicamente acolhe sujeitos cujas trajetórias foram interrompidas pela desigualdade social, pelo trabalho precoce e pelas responsabilidades familiares. No município de Bom Jesus da Lapa, o grupo participante é composto por 14 mulheres, entre 35 e 80 anos, com histórias marcadas pelo trabalho doméstico, pela maternidade e pela exclusão escolar. A experiência educativa com essas mulheres revela a potência da alfabetização como ato de reexistência e de reconstrução de identidades, reafirmando a educação como direito humano fundamental.



A realização desta pesquisa justifica-se pela relevância política, acadêmica e social de refletir sobre as práticas de alfabetização de mulheres no interior baiano, em um contexto de profundas desigualdades de gênero, raça e classe. O PPALFA Freire se constitui, assim, como ação de resistência e de democratização do conhecimento, articulando a universidade à comunidade e fortalecendo o papel da UNEB como instituição pública comprometida com a transformação social.

A pesquisa tem natureza qualitativa e descritiva, fundamentada em Minayo (2014), que compreende a abordagem qualitativa como voltada à interpretação dos significados e dos sentidos atribuídos pelas pessoas às suas experiências. O corpus analítico constitui-se a partir dos relatórios, planejamentos e registros produzidos nos diários de campo e de aula da equipe do projeto, concebidos como instrumentos de reflexão e formação docente (Zabalza, 2007). Para o autor, o diário é um espaço de análise da prática, em que o educador registra, interpreta e reconstrói criticamente sua ação, produzindo conhecimento sobre o próprio fazer pedagógico.

O estudo apoia-se teoricamente em Paulo Freire (1987, 1996), que fundamenta a alfabetização como prática de liberdade; Arroyo (2000; 2012; 2017) buscamos o reconhecimento das trajetórias de vida como saberes educativos. Ele afirma que os sujeitos da EJA, denominado de trabalhadores, mulheres, negros, camponeses, trazem para a escola marcas de vida que precisam ser reconhecidas como saberes e direitos; e em bell hooks (2017), que inspiram a leitura da educação como espaço de escuta, afetividade e resistência.

Entre palavras e vidas: a alfabetização como prática de liberdade

A proposta metodológica do PPALFA Freire está ancorada na pedagogia da autonomia e na educação popular (Freire, 1996), compreendendo o processo educativo como prática libertadora e dialógica. Ao partir das vivências das educandas, o projeto reconhece a leitura do mundo como parte essencial da leitura da palavra, pois como anuncia Freire, (1982, p. 9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”

O trabalho com múltiplas linguagens, oral, escrita, corporal, musical e visual, ampliou a expressão das alunas e fortaleceu a autoestima. A atividade “Vivências e Saberes: Gente que Brilha”, inspirada na música “Gente”, de Caetano Veloso, tornou-se emblemática: ao substituir os nomes da canção pelos das alunas, a turma experimentou um momento de pertencimento e reconhecimento. Essa experiência revela a importância da educação como prática de resistência, especialmente no contexto das mulheres populares.

Segundo Arroyo (2012), as trajetórias dessas mulheres, marcadas pelo trabalho, pela maternidade e pela luta cotidiana pela sobrevivência, revelam dimensões históricas e políticas que ultrapassam o âmbito privado e se inscrevem no campo da educação. Reconhecer tais experiências como parte legítima do saber educativo significa valorizar modos de vida, de aprender e de resistir que se constroem no entrelaçamento entre o cotidiano, o corpo e o território. Arroyo nos lembra que os saberes das mulheres trabalhadoras e mães não são resíduos de um passado, mas expressões vivas de um projeto de humanização e de direito à educação. “Essas mulheres, mães e trabalhadoras, trazem para a escola suas marcas de vida, seus tempos interrompidos, suas lutas de sobrevivência e de dignidade, que precisam ser reconhecidos como saberes e como direitos” (Arroyo, 2012, p. 161).



Assim, o PPALFA atua não apenas no campo do letramento, mas também na formação cidadã, ao promover reflexões sobre os direitos sociais, a dignidade humana e a valorização da cultura nordestina.

Entre as práticas mais significativas, destacam-se os jogos matemáticos e o bingo de palavras, que aliam ludicidade e aprendizagem, e as atividades de documentação pessoal, nas quais as alunas aprenderam sobre a importância de certidões, CPF e RG, compreendendo a cidadania como construção de identidade.

Mulheres que escrevem o mundo: práticas educativas e caminhos de reexistência

Os resultados observados ao longo do desenvolvimento do PPALFA Freire evidenciam avanços significativos não apenas no domínio da leitura e da escrita, mas também no fortalecimento da autoconfiança, na ampliação da autonomia e na crescente participação das educandas nos diferentes espaços formativos. As mulheres envolvidas no projeto demonstram conquistas expressivas: passaram a escrever seus próprios nomes com segurança, a realizar leituras de textos curtos e a compreender com maior clareza as operações matemáticas básicas que permeiam o cotidiano.

Esses avanços, contudo, não se limitam à dimensão técnica do letramento. Eles expressam um processo de transformação subjetiva e social, em que o aprender a ler e a escrever se entrelaça à reconstrução das identidades e ao reconhecimento de si como sujeito histórico e de direitos. Nessa perspectiva, a alfabetização é compreendida como prática de liberdade e diálogo com o mundo vivido. Conforme destaca Freire (1996, p. 63), “o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica”. Assim, ao respeitar e valorizar os saberes de experiência das educandas, o PPALFA Freire reafirma o princípio freiriano de que toda educação é um ato político, ético e amoroso, voltado à emancipação dos sujeitos historicamente marginalizados.

Cada gesto de escrita e cada leitura conquistada foram acompanhados de emoções, hesitações e descobertas, compondo um processo de aprendizagem profundamente humano. Como lembra Larrosa (2002, p.21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e foi essa experiência transformadora que emergiu nas aulas, quando as educandas se reconheceram como mulheres capazes de pensar, registrar e dizer o mundo com as próprias palavras.

As reuniões semanais de planejamento consolidaram-se como espaços de estudo, escuta e autoformação docente, nos quais as educadoras dialogam, analisam os registros e reinterpretam suas práticas. Esse movimento de escrever, refletir e compartilhar o vivido configura o que Zabalza (2007) denomina de “*escrita reflexiva da docência*”, na qual o diário e o relatório se tornam instrumentos de desenvolvimento profissional.

A escrita dos relatórios e dos diários de campo produziu um acúmulo de saberes sobre o processo de alfabetização popular, reafirmando o papel da universidade pública na promoção de uma educação comprometida com o território. Conforme Arroyo (2012), a universidade cumpre sua função social quando se abre às vozes e saberes historicamente silenciados, reconhecendo-os como legítimos e potentes.

Além dos resultados pedagógicos, o projeto produziu efeitos simbólicos e afetivos de grande relevância: o sentimento de pertencimento à universidade, o reconhecimento das alunas enquanto aprendentes e a reconstrução da autoestima de mulheres que, após décadas, voltam a escrever suas próprias histórias. O PPALFA Freire concretiza o



princípio da educação como prática de liberdade, ao devolver às mulheres a palavra, o nome e o direito de narrar-se.

CONCLUSÃO

A experiência desenvolvida pelo PPALFA Freire/Bom Jesus da Lapa evidencia que alfabetizar mulheres adultas e idosas é um ato político e profundamente transformador. A vivência no projeto permitiu compreender as concepções de alfabetização e letramento que orientam o trabalho, ancoradas na pedagogia freiriana, que concebe a leitura e a escrita como práticas sociais e emancipadoras.

As práticas pedagógicas implementadas demonstram a intencionalidade formativa de uma alfabetização contextualizada e dialógica, mediada pela amorosidade e pela escuta. O estudo permitiu identificar impactos concretos na vida das participantes: ampliação da autoestima, maior autonomia, fortalecimento das relações interpessoais e engajamento nas atividades comunitárias.

Ao refletir sobre o papel da universidade pública na promoção de uma educação emancipatória e de base freiriana, o PPALFA Freire reafirma a relevância social da UNEB como instituição formadora comprometida com o desenvolvimento humano e com a interiorização do ensino superior na Bahia.

Assim, o PPALFA Freire/Bom Jesus da Lapa consolida-se como espaço de práxis educativa e resistência, em que ensinar e aprender se confundem com viver e reexistir. As 14 mulheres alfabetizadas e a equipe feminina que as acompanha dão materialidade à pedagogia da esperança, provando que, quando a educação é vivida com amorosidade, diálogo e compromisso social, ela se converte em uma das formas mais concretas de liberdade.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação Popular; Letramento; Mulheres.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA, itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados . Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB). **Coletânea de Alfabetização PPALFA Freire UNEB**. Salvador: UNEB, 2025.